

Quando o Dízimo é Crime Maior que o Genocídio: os scripts religiosos escritos e descritos pela mídia brasileira

Camilla Ueras

Dayanne Sousa

Gustavo Paiva

Luigi Parrini

Rafael Kato¹

Resumo

Este dossiê traz resultados e conclusões parciais da pesquisa em iniciação científica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*, iniciada no segundo semestre de 2007 e orientada pela Prof^a. Dr^a. Marília Pacheco Fiorillo. O objetivo do trabalho é realizar um levantamento minucioso da cobertura de temas religiosos em quatro veículos da imprensa nacional: os jornais O Globo, O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e a revista Veja. O referencial teórico deste artigo está calcado em Max Weber, especialmente os trabalhos em sociologia da religião; Teun van Dijk, com a ferramenta da análise do discurso nas notícias e mídia em geral; e George Kennedy, com pesquisas em retórica religiosa.

Palavras-chave: *imprensa; religião; análise do discurso*

¹ Graduandos em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e pesquisadores do projeto em iniciação científica *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*, orientado pela Prof^a. Dr^a. Marília Pacheco Fiorillo.

Introdução

Este dossiê traz resultados e conclusões parciais da pesquisa em iniciação científica *Religião e Mídia: os vieses da cobertura jornalística brasileira*, iniciada no segundo semestre de 2007 e orientada pela Prof^a. Dr^a. Marília Pacheco Fiorillo. O objetivo do trabalho é realizar um levantamento minucioso da cobertura jornalística de temas religiosos em quatro veículos: os jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo* e a revista *Veja*.

Desde o início da pesquisa, é realizada uma tabulação quantitativa das reportagens, artigos e notícias sobre todas as confissões religiosas. No entanto, os objetos de estudo foram apenas as religiões abraâmicas, a saber: judaísmo, islamismo e cristianismo – tanto catolicismo como protestantismo.

O motivo da escolha é que tais religiões são as mais representativas no cenário nacional e na geopolítica internacional.² (*figura 1*)

	TOTAL	HOMENS		MULHERES	
	%	%	POSIÇÃO NO RANKING	%	POSIÇÃO NO RANKING
POPULAÇÃO TOTAL					
1 Católica Apostólica Romana	73,6430	74,3260	1	72,9820	1
2 Igreja Evangélica Assembléia de Deus	4,8099	4,4922	2	5,1172	2
3 Igreja Evangélica Batista	1,8166	1,5848	4	2,0408	3
4 Igreja Congregacional Cristã do Brasil	1,8071	1,8210	3	1,7936	4
5 Igreja Universal do Reino de Deus	1,5024	1,2187	7	1,7769	5
6 Igrejas Luteranas	1,4534	1,4189	5	1,4868	7
7 Espírita, Kardecista	1,4407	1,2562	6	1,6192	6
8 Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais	1,0421	0,9750	8	1,1070	8
9 Igreja Evangelho Quadrangular	0,8587	0,7485	9	0,9654	9
10 Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia	0,7299	0,6925	10	0,7661	10

FIGURA 1

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2003 / IBGE

² Embora o Judaísmo seja, numericamente, inexpressivo no Brasil, ele está no centro de um dos principais conflitos modernos, o da Palestina. Soma-se a isso o Judaísmo ter se configurado como primeira religião monoteísta do mundo, ecoando, dessa forma, seus rituais e crenças para as outras religiões, mais especificamente os escritos da Bíblia Hebraica, chamada pelos cristãos de Antigo Testamento.

O *paper* se divide em seções, cada qual referente a um dos veículos de mídia pesquisados. Cada uma dessas seções se subdivide em partes menores que detalham as características da cobertura dos meios supracitados em cada uma das religiões objeto de estudo.

A escrita do presente trabalho se deu de maneira coletiva, com o princípio de preservar a multiplicidade das vozes dos pesquisadores participantes e também como forma de tornar a leitura mais fluente e menos monótona.

O leitor perceberá que a unidade conceitual e textual entre as seções é garantida por meio de um cabedal teórico comum. E é nessas definições teóricas comuns que centraremos nossas atenções.

Definições teóricas

O referencial teórico deste artigo está calcado em três autores. São utilizados textos de Max Weber, especialmente os trabalhos em sociologia da religião; Teun van Dijk, com a ferramenta da análise do discurso nas notícias e mídia em geral; e, por fim, George Kennedy, com pesquisas em retórica religiosa.

É claro que são utilizados, também, outros autores e pesquisadores na bibliografia, mas estes são secundários em relação ao tripé anteriormente citado. Desses três autores fundamentais, acreditamos que é necessário esclarecer previamente os conceitos de van Dijk, pois constituem o instrumental básico que sustenta as outras relações teóricas.

Conceitos

Coerência Local

A **coerência local** de um texto jornalístico pode ser entendida como o encadeamento de orações e frases que pertencem a um mesmo assunto. As relações entre essas orações são, em geral, de tempo, condição, causa e consequência.

A informação da segunda oração pode ser utilizada como uma explicação da informação da primeira oração. Desta maneira, a oração seguinte pode não somente dar uma explicação, mas também proporcionar uma correção, um contraste ou uma alternativa à primeira oração. (van Dijk, 1990:94)

A coerência entre duas proposições é regida pelo tema dominante. Uma reportagem não pode começar sobre um atentado no Oriente Médio e, logo em seguida, dizer sobre o preço do pão e do leite.

Em outras palavras, as proposições possuem coerência local somente se as duas coincidem com o tema. Isto significa que devem denotar acontecimentos de um episódio que seja coerente com os acontecimentos ou crenças do ouvinte. (ibidem, p.95)

Portanto, a coerência local se completa na relação com o leitor, o qual necessita de conhecimentos prévios para entender, por exemplo, até orações mais simples, como “João bebeu água porque tinha sede”: “Para sermos precisos, então, deveríamos dizer que a coerência local se estabelece em relação com o tema corrente e o conhecimento ou as crenças (por exemplo, os argumentos) dos participantes na fala”. (idem, 1991).

Script

Vimos que a coerência local depende das crenças e do conhecimento das partes integrantes do discurso. É isso que chamamos de *script*. Trata-se do nosso conhecimento compartilhado socialmente e que permite ligações entre conceitos e proposições do texto. É um *iceberg* semântico do qual somente a ponta é, na verdade, expressa. (van Dijk, 1991)

Quando consideramos a quantidade de conhecimento e crença necessária para interpretar as orações e as seqüências de orações, os discursos reais acabam assemelhando-se muito ao caso do *iceberg*: somente a informação da parte superior é visível como informação expressada no discurso. A maior parte da informação restante se divide pessoal ou socialmente e está cognitivamente representada pelos usuários da linguagem e, em consequência, pode permanecer implícita no texto e pressuposta pelo emissor. (idem, 1990: 96)

E quais *scripts* (pressupostos) nossa pesquisa encontrou na cobertura religiosa dos veículos? O cânone da Santa Sé como verdadeiro e correto, por isso cânone, e, em contrapartida, o *script* de uma venalidade intrínseca aos neopentecostais, tratando-os quase invariavelmente como facilmente corruptíveis quando o assunto é dinheiro.

O cânone será exemplificado neste artigo em diversas passagens, tais como descrições da indumentária papal, compra de avião pelo Vaticano e uma intensa cobertura das ações e discursos do papa, funcionando como um “diário oficial da Santa Sé”. E como

é próprio de cânones e de diários oficiais, não há crítica ou qualquer reparo às ações, mas defesa e afirmação das mesmas.

Por outro lado, o *script* da venalidade neopentecostal poderá ser visto, neste artigo, nas passagens que demonstram o constante tratamento dos protestantes como negociantes, empresários e até mesmo como contraventores, destinados muitas vezes a parar nas seções policiais das publicações.

Esses dois *scripts*, o cânone católico e a venalidade protestante, revelam um conhecimento social partilhado que é imediatista, superficial e equivocado, no qual as publicações insistem. Para defender a incorruptibilidade do cânone, por exemplo, esquecem-se as atrocidades cometidas em nome do catolicismo ao longo dos séculos e de seu processo de acumulação anterior de recursos financeiros, que utilizou mecanismos muito parecidos àqueles hoje condenados nos evangélicos. Para se acusar o neopentecostal de venal e ou usurpador, negligencia-se um importante aspecto doutrinário: o fato de que, para o protestante, o sucesso no mundo do trabalho e dos negócios é tido como sinalização de uma vida correta e justa, uma medida da predestinação à salvação, como nos aponta Max Weber (1963).

Coerência Global

Para van Dijk, é fundamental não apenas a coerência local, como vimos anteriormente, mas também a **coerência global**, que confere ao texto uma unidade semântica. Denominamos **tema** ou **tópico** essa estrutura maior, pois é ela que impede começar um texto sobre um atentado no oriente médio, por exemplo, e terminar discutindo o preço do pão e do leite.

A coerência global do discurso segue uma estrutura hierárquica, que no texto jornalístico clássico é conhecida como pirâmide invertida, cuja regra é que o mais importante apareça no título e no primeiro parágrafo.

Os temas são cruciais para o entendimento total de um texto, por exemplo, no estabelecimento da coerência global; e funcionam como um controle semântico global sobre o entendimento loco no micronível. Certamente, os temas desempenham um papel central no texto. Sem eles seria impossível entender aquilo de que globalmente trata o texto. Somente seria possível entender os fragmentos locais do texto, e não suas relações globais, a hierarquia e a organização. (van Dijk, 1990:60)

Estilo e uso estratégico da irrelevância

A escolha de palavras não é neutra; está vinculada ao estilo do discurso e à ideologia do emissor.

O estilo do léxico não é apenas central para um estudo estilístico, senão que também conforma a relação com a análise do conteúdo semântico. A eleição de palavras específicas pode assinalar o grau de formalidade, a relação entre os participantes na fala, a inserção institucional ou grupal do discurso, e em especial, as atitudes e, em consequência, as ideologias do emissor. (van Dijk, 1990: 122)

Serão vistos exemplos de descrições de católicos, protestantes e muçulmanos, a maioria favorável aos primeiros, seja por uso de diminutivos que invocam intimidade e carinho ou pelas omissões, “especialmente usadas ao descrever atos negativos de importantes atores da notícia”. (ibidem)

O uso de vocábulos pejorativos aparece para descrever grupos considerados condenáveis pelo emissor. Esse uso pode ser mais sutil, como é, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*, ou mais explícito como podemos ver na revista *Veja*. Tal ferramenta de difamação é usada de modo estratégico – o que van Dijk chamou de **uso estratégico da irrelevância**.

Essa estratégia se faz presente, por exemplo, na descrição de uma notícia genérica sobre um encontro de evangélicos na qual o autor chama atenção para o jeito bronco do pastor, para o fato de ele sequer saber dirigir um carro ou para a venda de livros de orações no evento – modo indireto, mas eficaz, de denegrir.

UEJA

A Ueja age de má fé?

Rafael Kato

Veja, a maior revista semanal do país, publicada pela editora Abril, possui uma indiscutível habilidade em lapidar os seus textos. Cada palavra-chave é dotada de uma intencionalidade que reafirma o projeto editorial da publicação. A notícia sobre a beatificação de católicos que lutaram ao lado de Franco, por exemplo, tem um título que já diz tudo, numa reverência: “Ferramenta da fé”. Mas para falar sobre os neopentecostais ou a Igreja Renascer o tom é diferente, pois a chamada, pejorativa, é: “O templo caiu para os Hernandes”. A intencionalidade não está apenas em títulos, mas no jogo de palavras, na pauta, na concatenação dos elementos do texto, nas relações entre o texto verbal e não-verbal de cada página. A cobertura de religião não foge à regra.

Na reportagem “O templo caiu para os Hernandes”, do dia 22 de agosto de 2007, pode-se esmiuçar uma série de cuidados com o texto, insistindo no deboche, que evidenciam o claro alinhamento da publicação. O título por si só já traz uma carga semântica negativa, porque o trocadilho com a expressão “a casa caiu” remete a negócios que fracassam, sobretudo pela ação de criminosos pegos pela polícia. Logo, o ritmo da reportagem é o de uma cobertura policial, embora o chapéu seja “Brasil”. O sentido – *coerência global* (van Dijk, 1990) - se completa com a linha fina: “Com a condenação dos líderes da Renascer nos Estados Unidos, o império da igreja pode ruir”.

A palavra “império” é utilizada em sua acepção empresarial, no mesmo sentido da expressão “império Disney”, ou “império Trump”, ou ainda “império Abril”. A Igreja Renascer, melhor, a empresa Renascer, como sugere *Veja*, calha perfeitamente com a acusação que recai sobre o casal líder: “tentar entrar em território americano com 56.467 dólares”. Para reforçar este tratamento indefectivelmente extra-religioso de uma congregação religiosa, os dados contidos na reportagem são submetidos a um escrutínio típico de uma seção de economia. Há o uso intenso de porcentagens e jargão financeiro: “O número de fiéis caiu pela metade. A arrecadação diminuiu 60%. Mais de 140 funcionários foram demitidos” ou “centenas de templos considerados ‘deficitários’ tiveram as portas cerradas por ordem do próprio Hernandes”. O pressuposto, pois, é que, em se tratando de

Renascer – e, como veremos adiante, de evangélicos e protestantes, indiscriminadamente – o assunto é sempre estelionato, a anos-luz de Deus.

Guiada por Deus, seguida pelo FBI

Um recurso caro a *Veja* é o *argumentum ad hominem*. Ataca-se o casal para desqualificar a igreja e, por último, os fiéis. Sonia e Estevam Hernandez são tratados como “a *automeada bispa e o auto-intitulado apóstolo*”, como se, em outras denominações religiosas, a escolha dos líderes e cardeais se desse por voto democrático universal. As expressões são recheadas de sarcasmo, como em: “os púlpitos da igreja permanecerão *desfalcados* de suas estrelas até, pelo menos, 2009”.

Uma das acusações centrais de *Veja* é que o casal vivia uma “vida de luxos no Brasil”. Não há dúvida de que há exploração nos dízimos, e suspeita de negociatas e fraudes envolvendo a Renascer e a Universal que, diga-se de passagem, compõem apenas uns meros 10% dos neopentecostais no Brasil³, que, apesar de terem crescido na última década, hoje estão em retração.

O ponto em questão, tratado neste artigo, é o de que, ao se associar automaticamente estas igrejas minoritárias ao pentecostalismo como um todo (a mais antiga, Assembléia de Deus, por exemplo, tem cinco vezes mais adeptos que Universal e Renascer juntas), o que se está disseminando é um *script* (van Dijk, 1990) errôneo e difamatório sobre o conjunto dos evangélicos, sua prática e doutrina, pois neste *script* a revista da Editora Abril parece esquecer que outras congregações também remuneraram seus funcionários, sejam rabinos ou bispos, e que a Igreja Católica se destaca e destacou, ao longo da história, pela vida de luxo e pompa proporcionada a seus membros. Nem é preciso lembrar o fausto em que viveu o papa Bórgia (também conhecido como Alexandre VI; foi papa de 1492 a 1503) e outros tantos desde o Renascimento; basta mencionar que o orçamento do Estado do Vaticano, em 2005, segundo dados do

3 Pesquisa do centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), disponível no seguinte link: http://www.fgv.br/cps/religoes/Apresentação/Localização_NOVA_lista_opcoes.htm

Departamento de Estado norte-americano, foi de 247 milhões de dólares, quantia nada franciscana.

A ridicularização sistemática dos evangélicos, sobretudo pelo viés do caráter argentário, é a tônica nesta publicação. Nem mesmo o benefício da dúvida lhes é dado. Sobre a tornozeleira eletrônica pela qual a Justiça monitora os passos do casal, nenhuma linha sobre tal método de controle, mas uma grande piada: “Sonia tem horror ao equipamento e, recentemente, ficou irritada ao saber que, no Brasil, ex-fiéis sugeriram que fosse gravada nele a frase ‘guiada por Deus, seguida pelo FBI’”. Note-se que não há qualquer referência sobre quem são esses ex-fiéis que caçoam da bispa. Eles podem ter abandonado a igreja há anos, mas a construção do parágrafo faz com que entendamos que sua saída e rejeição da Renascer coincide com a prisão dos Hernandes – que teria sido a “revelação” da fraude..

A foto principal mostra o casal rodeado por pessoas com as mãos levantadas. Os jornais publicaram que essa foi a artimanha dos fiéis para evitar que o casal fosse flagrado pela Rede Globo e desmoralizado, pois o grupo em torno dos Hernandes os defendia com a Dança do Siri⁴. A outra foto de maior relevância mostra Estevam, visivelmente abatido, ao lado das notas de dólar – abatido não moralmente, mas financeiramente.

Desse modo, sutil e sucinto, com o jogo verbal e não-verbal, *Veja* colabora para a construção e consolidação do *script* da venalidade protestante. Reportagens e artigos como esse vão, pouco a pouco, instilando e disseminando os *conhecimentos sociais partilhados* (van Dijk, 1990). Se considerarmos o *iceberg* semântico, o tratamento que *Veja* dá aos membros de igrejas reformadas seria um acúmulo de gelo primordial para que, posteriormente, só a ponta seja expressa.

Protestante? Desuiante

Na semana anterior, edição do dia 15 de agosto de 2007, *Veja* havia publicado na seção Televisão o texto “A heroína dos bispos”. A linha fina trazia: “Como a ex-paquita

4 A “dança do siri” surgiu no programa *Pânico na TV*, do canal Rede TV!. Os personagens Repórter Vesgo e Silvio Santos incentivam os telespectadores a fazerem a dança em transmissões ao vivo de outros canais. Para saber mais, procure por “dança do siri” em www.youtube.com

Bianca Rinaldi se tornou a primeira estrela com o DNA da Record”. É pública a relação entre a Rede Record e a Igreja Universal do Reino de Deus. Edir Macedo, fundador da igreja, é o dono do canal e alguns dirigentes da Record são bispos da Universal.

Na reportagem, o que primeiro chama atenção é a expressão “o moral nas alturas” usada para se referir a Bianca. É imediata a associação aqui com o “hosana nas alturas”, e, claro, seu uso paródico.

O que mais surpreende são as aspas da atriz: “Quando cheguei, pouca gente botava fé na emissora. Sinto orgulho de saber que tem um saco de cimento meu nessa obra”. *Veja* escolheu uma frase infeliz de Bianca, mas que serve perfeitamente para a revista. Uma emissora de TV liderada por bispos fundadores da Igreja Universal é acusada de ter suscitado, entre a maioria dos espectadores, pouca fé. Ora, se era assim, de duas, uma: ou a fé (na emissora e igreja) era fraudulenta, ou era para poucos, não para a maioria. Mas uma instituição que se intitula “Universal” não pretende ser exclusivista. Assim, podemos excluir o argumento de que a fé no sucesso da Record (e da Universal) era rala porque se destinava a meia-dúzia, pois seria contraditório com a pretensão da igreja. Dessa forma, sobra a conclusão de que o senso comum (o bom-senso, segundo a revista), considerava essa fé (na Record e na Universal), fraca, pois desconfiava dela como fraudulenta. Novamente, nas entrelinhas, está reforçado o *script* de que o brasileiro médio (e normal) rejeita de cara o duvidoso aceno pentecostal – em outras palavras, está convencido da canonicidade universal e irreversível do catolicismo.

A foto que ilustra esta página mostra uma Bianca em uma pose sensual, com mini-shorts e uma mini-blusa. Roupas de menos para os padrões da Universal, dos pentecostais, dos católicos de todo matiz, dos budistas, dos hinduístas e de qualquer freqüentador de templo. E sugestivamente inadequada para uma devota. Mais um sinal de que, em se tratando de pentecostais, tudo não passa de uma encenação. As insinuações não param aí: Bianca, segundo a revista, “é das raras artistas que se dirigem diretamente ao bispo Honorilton Gonçalves, que dá as cartas no canal – e tem fama de inatingível”. Novamente, o *uso estratégico dos vocábulos*: ela só acessa o bispo porque galgou a fama; portanto, valores e qualidades transcendentais (como a obra, a fé, a devoção) não valem nada no mundo evangélico. O que vale é o grosseiro materialismo e a lógica do prestígio – o bacana fala com o bacana. A atriz consegue conversar com o inatingível (quem de nós não associa este termo, quase automaticamente, a Deus?), dá testemunhos (que seriam

privilégio dos profetas) em reuniões da Universal, bota fé (desde quando fé se mistura com negócios?) na emissora, “é a heroína dos bispos”. Está completado o perfil de um evangélico segundo *Veja*: ele é dinheirista, carreirista e despojado de qualidades espirituais.

Mas há algo a mais: *Veja* destaca que a moça é “católica de nascença”.⁵ Será que se ela fosse protestante de nascença, ou budista, ou atéia, ou espírita, a revista daria tanta atenção para suas infelizes frases?

Veja no púlpito

Na técnica de lapidar as frases, os conceitos se encaixam na idéia de notícia-pronunciamento.

A notícia-anúncio limita-se às evidências; a notícia-enunciado dramatiza, sem interferência do narrador, os fatos narrados. Mas uma outra forma pode ser descrita. Muito sutilmente, manipulando aqui e ali algumas palavras, uma notícia pode vir a se pronunciar a respeito de um fato ou tema, imprimindo ao texto um caráter de julgamento preestabelecido, de avaliação do caso relatado, conduzindo o leitor na direção do pronunciamento. (Sodré e Ferrari, 1986)

Dentro do principio do pronunciamento podemos entender a ironia, o sarcasmo e o tom de deboche de *Veja*. “A notícia-pronúncia pode ter caráter irônico e detrator, mas também pode ser construtiva, falando em favor de um movimento social ou comunitário.

4 A ressalva de que a atriz é “católica de nascença” funciona como forma de sugerir que ela perdeu o rumo, é uma desviante, uma dissidente. Sugestivamente, esta é a definição clássica do herético, construída pela Igreja Católica; nunca se admite que ele é uma tradição em paralelo; ele é sempre o que abjurou, negou, veio depois.

“Herege é o indivíduo que tendo sido batizado, ou seja, tendo se submetido ao conjunto de dogmas e verdades aceitas pela Igreja, passa a negar ou duvidar desse conjunto ou de parte dele, interpretando-o livremente e fazendo dessa interpretação livre dele e geralmente contestatória um novo conjunto de verdades das quais está convicto” (Thomé, 2004). A autora também lembra que Paulo de Tarso, em sua primeira carta aos Coríntios, fala que “até importa que haja entre nós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre nós”. Se relacionarmos isso com a ação de Bianca na Universal, teremos, mais uma vez, a sugestão de que o catolicismo é a verdadeira religião, justamente pela oposição ao protestantismo neopentecostal.

Nesse caso, a linguagem pode tornar-se explicitamente opinativa, adquirindo muitas vezes o caráter de denúncia”. (ibidem)

Notícias sobre religião abusam da persuasão e tendem a fazer o leitor perfilar-se em determinada vertente (Kennedy, 1984). A manipulação das palavras busca uma sutil ambivalência de sentido, como na retórica clássica e tradicional, e recorre muito à hipérbole, ao contrário dos preceitos da retórica clássica (ibidem). O sarcasmo e ironia devem ser entendidos como forma de apelar, mais que ao arrazoado, aos sentimentos do leitor, usando com frequência a hipérbole – exagero também na hora de detratar, como no caso do título “o templo caiu para os Hernandes”.

O estilo, como vimos na introdução, revela o universo ideológico do autor do texto (que vai além de sua opção específica), do qual ele extrai suas frases, sua sintaxe, seu modo de organizar os argumentos. No caso de *Veja*, este universo é bastante transparente também quando se trata de artigo de fé. A revista evita qualquer alusão depreciativa à Igreja Católica. Lembramos mais uma vez aqui que essas formas de silêncio são “especialmente usadas ao descrever atos negativos de importantes atores da notícia”.(van Dijk, 1990:122). E não economiza ao detratar os neopentecostais. Em que catecismo reza a *Veja*?

A verdade católica vem a jato

No dia 05 de setembro de 2007, a reportagem “Boeing da Fé” traz a notícia de que o “Vaticano freta avião e o decora com mensagens bíblicas para promover excursões a lugares santos”. O passageiro que decidir conhecer Fátima, em Portugal, viajando nesse avião, entrará numa aeronave com *upgrade*, que foi abençoada pelo Papa. Era de se esperar que a reportagem tivesse o mesmo tom jocoso ou paródico destinado aos negócios dos evangélicos, já que se trata do mesmo assunto, isto é, de fazer caixa (necessária) para uma igreja (instituída); uma forma de arrecadação em prol de uma instituição, e em nome de uma religião. Mas não é isso que ocorre.

O tratamento dispensando ao Boeing do Papa é laudatório no limite da adulação. A revista começa lembrando que o turismo moderno – tão importante para o frutífero intercâmbio da economia dos países – nasceu lá, exatamente lá, com viagens de cunho

religioso católico, as romarias. O que só acrescenta legitimidade ao jato papal, pois com ele, e só com ele, “tem-se a garantia de viajar com quem conhece o destino”.

“Destino”, aqui, deve ser entendido em dois sentidos possíveis, ambos igualmente elogiosos. O “destino” como ponto final da rota pessoal de um viajante, a realização cabal de sua aspiração, e o “destino” como o contrário de acaso, isto é, aquilo que é fruto de uma vontade superior, comumente identificada com os desígnios de Deus. Portanto, *Veja* joga com a palavra destino para sugerir que o catolicismo, sob as asas do Boeing do Papa, é, duas vezes mais, a religião legítima: aquela que realiza os desígnios menores (conhecer Jerusalém), e os maiores (conhecê-la a fundo na Via Dolorosa, o que a torna uma cidade sagrada eminentemente católica, diferente do solo sagrado que Jerusalém é para as duas outras religiões monoteístas).

Na mesma edição, curiosamente, outra reportagem trata do tema destino, mas de forma disfarçada. Sob o chapéu “Fé”, a reportagem “A dúvida que corrói” é a afirmação do lugar-comum “Deus escreve certo por linhas tortas”.

A notícia de que o livro *Mother Teresa: Come be my light* (Madre Teresa: Venha ser minha luz) contém cartas em que ela, supostamente a mais convicta das católicas, questiona a existência de Deus, não é, para *Veja*, susto nenhum, muito menos prova da fragilidade do catolicismo; é, sim, a comprovação da santidade da Madre e da superioridade da instituição à qual ela pertence.

A forma de argumentação da reportagem é curiosa: Cristo questiona Deus no famoso “Deus, Deus, por que me abandonaste?”; Santo Agostinho também passou por atormentadas dúvidas; São João da Cruz não foi diferente, chegou a cunhar a expressão “noite escura” para o período em que questionou, dilacerado, a existência de Deus. Portanto, *Veja* deixa que o leitor chegue à natural conclusão: ora, duvidar da existência de Deus por um período não é só corriqueiro como é próprio dos santos, que duvidam com ênfase redobrada; Madre Teresa duvida de Deus por um período, e duvida pesado; logo, Madre Teresa é santa.

Temos aqui um exemplo claro de como a argumentação de *Veja* se encaixa no que Umberto Eco chamou de máquina preguiçosa.

O texto é um tecido cheio de buracos, repleto de não-ditos, e todavia esses não ditos são de tal modo não-ditos que ao leitor é dada a possibilidade de colaborar, para preencher e dizer esses não ditos.(...) Para que o leitor de um texto possa proceder desta maneira, é necessário que o texto, de algum modo, proponha uma imagem do Leitor Modelo que ele prevê. (Eco, 1984:97)

O leitor-modelo da *Veja* seria o seguinte: branco, membro da classe média, católico – já que esta é a maior religião do país – e eleitor de políticos de centro-direita⁶. É a partir dessa concepção de leitor-modelo que *Veja* consegue falar mansamente dos mártires franquistas beatificados em contraposição ao ataques aos protestantes.

Outro exemplo de *não-dito* está na reportagem sobre os cavaleiros templários. Sob o chapéu "História", a reportagem "Fim dos Templários foi fruto de conspiração, não de heresia", de outubro de 2007, fala de um documento em que o papa livrou os templários da acusação de heresia, mas "sucumbiu" às pressões do reino francês para acabar com a ordem. Os Templários são tratados como os padres de Franco – como personagens de uma neutra “circunstância”, mártires incautos de outra causa, sem qualquer menção ao que realmente importa: o morticínio na Palestina, durante as Cruzadas, as carnificinas perpetradas em prol de suas finanças (eles foram riquíssimos e poderosos, razão pela qual foram perseguidos) e em nome de Deus.

Assim, *Veja*, ao mesmo tempo em que concebe esse leitor-modelo (branco, católico, de centro-direita) também o ajuda a construir e reforçar os *scripts* que lhe correspondem: o da venalidade protestante, de um lado, à qual ele não pertence ou não deveria pertencer, e o do cânone católico, ao qual ele deveria aderir, se já não o fez, o cânone segundo o qual no qual Boeings são passaportes para o Céu, gangues de saqueadores recebem indulgência plenária, e fascistas vestem o manto de mártir.

6 Segundo dados da publicidade da editora Abril, os leitores são 32 % da classe A, 37% da classe B e 23% da classe C, o que coloca a maioria dos leitores na classe média da população. Segundo a Fundação Perseu Abramo, a partir de dados do IBGE “a classe média brasileira é predominantemente branca, o que revela a desigualdade de cor na definição da classe média brasileira. Praticamente 70% dos chefes de família de classe média são brancos sendo que na população total o percentual de brancos é de 54%” (mais informações em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=586>, acessado em 15/12/2007). Podemos enquadrar a maioria desses mesmos leitores como católicos a partir de dados do próprio IBGE, que, segundo o censo de 2000, revelava que 73,6% da população era católica. A revista tem forte identificação com a ala de centro-direita no Brasil, como vemos na notícia que revela que Eurípides Alcântara considera, por exemplo, uma reportagem sobre Che Guevara "caricaturalmente de direita" e o seu público leitor como “uma pequena Bélgica”. Disponível em: http://cursoabril.abril.com.br/servico/noticia/materia_267588.shtml

Apoio ao fascismo, uma circunstância histórica

A beatificação de 498 católicos que lutaram ao lado de Franco durante a Guerra Civil Espanhola não assustou a revista *Veja*. Para ela, a decisão do papa Bento XVI “denota apoio à luta interna da Igreja espanhola para frear o processo de secularização do país”.

Veja diz que se trata de uma tentativa de “reacender a fé católica” na Espanha, onde o primeiro-ministro José Luis Zapatero recentemente aprovou o casamento de homossexuais e ordenou a retirada de símbolos do franquismo dos prédios públicos.

A revista lembra que padres foram mortos, queimados e castrados pelos soldados da Frente Popular. As fotos mostram republicanos alvejando a imagem de Cristo e corpos de católicos que foram expostos, em Barcelona, durante a Guerra Civil Espanhola, pelos mesmos republicanos. *Veja* ainda lembra o incêndio de igrejas e de conventos.

Não há qualquer referência, porém, aos crimes que os padres católicos cometeram durante a Guerra Civil, tão, ou mais, numerosos e atrozes. E menos ainda há menção ao papel que os padres desempenharam como delatores ou soldados pró-franquistas. Esta clara *omissão estratégica* tem a função de evitar qualquer associação depreciativa ao catolicismo, em contraposição ao *uso estratégico da irrelevância* para denegrir os protestantes.

Veja diz que o fato da igreja Católica apoiar um ditador fascista “deve-se às circunstâncias políticas da época”, como se o franquismo tivesse sido uma moda inescapável nos anos 30. Mais: ao sugerir que o fascismo espanhol foi “circunstancial”, *Veja* acaba por adotar a máxima de Eichmann em sua defesa no tribunal de Nuremberg – “eu só estava cumprindo ordens” – esquecendo-se de sugerir que escolhas políticas não estão eximidas de responsabilidade moral.

A revista também diz que “hoje, para o Vaticano, reverenciar o martírio de seus fiéis na Guerra Civil Espanhola é uma forma de retificar sua posição conservadora”. *Conservador* é um eufemismo que desassocia, na leitura, o fascismo espanhol de seus

consangüíneos italiano e alemão, como se o franquismo não tivesse a menor relação com o terror do nazismo e o holocausto.

O argumento central de *Veja* é o do *mal menor*: para defender a imagem de Cristo, as igrejas, os padres e o catolicismo, foi preciso apoiar um ditador – fato que “deve-se às circunstâncias políticas da época”. Do mesmo modo que hoje, para se precaver contra os homossexuais, os desviantes e reavivar o catolicismo nos espanhóis, é preciso ter novos beatos, mesmo que nem tão impolutos.

Oriente próximo, mas nem tanto

Podemos resumir a abordagem de *Veja* sobre o islamismo como uma cobertura aparentemente sem preconceitos, mas com matizes de denúncia. Quando se fala de terrorismo, é feita a ressalva de que se tratam de grupos fundamentalistas e não da religião em si, como deveria ser seguida. Por outro lado, quando se fala do que podemos denominar o "verdadeiro Islã", temos a visão negativa de que a religião muçulmana é ultrapassada, retrógrada e avessa aos progressos do Ocidente.

Essa visão está patente na reportagem do dia 17/10/2007 sobre os direitos das mulheres no Islã. *Veja* comenta a autora do livro *Infidel*, que narra a história de Ayaan Hirsi Alim, autora do livro, no período que viveu sob os domínios de um grupo islâmico fundamentalista na Somália: "Ayaan diz basicamente que o mundo islâmico em geral está em descompasso com a modernidade e que as sociedades ocidentais oferecem mais liberdade e segurança, sobretudo para as mulheres".

Em uma edição anterior, esse tratamento do islamismo como força retrógrada se repete, só que de forma mais curiosa, como *fait divers*. Trata-se de Rajaa Alsanea, autora do romance *Vida dupla*, que é *best-seller* no mundo árabe e na Europa (o título do livro, razão da entrevista, não é mencionado na reportagem, o que prejudica a *coerência local* do texto) e fala sobre a situação das mulheres no Oriente Médio. De doze perguntas, cinco são relativas a sexo e comportamento da juventude.

É exatamente pela pauta de perguntas que verificamos que, para *Veja*, o ponto a ser abordado do Islã não é o Islã, mas o anseio de ocidentalização. Veja-se o que a revista

considera relevante: "Como os jovens sauditas se divertem?" e Rajaa responde, "Não temos bares nem festa". Demonstração cabal do atraso islâmico é a candente questão: "Não há namoro no escurinho do cinema?", que é melancolicamente respondida: "Não temos cinema".

A revista da editora Abril confirma, assim, seu *script* sobre o Islã – não só atraso e anacronismo, como supressão dos direitos elementares de consumo.

A solução, para a revista, estaria na imersão cultural no Ocidente. A reportagem "Produtos adaptados para o Islã" dá a receita para a resolução do choque das civilizações: mostra o protótipo de um carro com bússola que identifica onde está Meca (para as orações diárias); uma boneca com véu para competir com a ocidental Barbie; tapetes de oração; e, supra-sumo do encontro de culturas, o burquíni (mistura de burca com biquíni). *Veja* pontifica que esta é a saída para "muçulmanos ortodoxos": adiciona-se um biquíni à burca, e estão dissolvidas as diferenças culturais e os conflitos internacionais. De passagem, a revista aproveita para apontar uma vantagem comparativa do catolicismo em relação ao Islã, lembrando que "talvez pelo fato de o cristianismo não ser uma religião tão normativa, ninguém ainda pensou em fabricar um veículo exclusivo para católicos". Note-se, aqui, que "cristianismo" é direta e exclusivamente associado ao "catolicismo", claro indicativo de que se descarta o protestante como sub-modalidade cristã, merecedora, talvez, de uma bicicleta de segunda mão.

Já dissemos que *Veja* sempre se refere aos terroristas islâmicos como alguns grupos extremistas religiosos que não representam o todo da religião, declarando que não toma a parte pelo todo. No entanto, esta declaração de princípios não coincide sempre com a mensagem que a revista vende. Este é o caso da resenha do livro "O Fundamentalista Relutante", sobre um paquistanês radicado nos EUA que não consegue controlar um impulso de satisfação pelo atentado terrorista de 11/9. Com tantos livros editados mundo afora, a escolha de uma obra de menor importância e que não figura entre a lista dos livros mais vendidos deixa escapar que há uma relação genética, natural, atávica, entre islamismo e terrorismo.

Judeus ignorados

As reportagens que citam o judaísmo foram, em seu aspecto quantitativo, escassas ao extremo. O judaísmo é tratado como uma excentricidade própria de um pequeno grupo de pessoas.

Os judeus aparecem com destaque em uma reportagem da *Veja S. Paulo* em agosto de 2007, só que o tema central é a boa convivência de etnias diferentes no bairro do Bom Retiro. Nessa reportagem, essencialmente de comportamento, aparece (com um foto de meia página, aproximadamente) uma judia ortodoxa contando que gosta de morar no bairro e se sente melhor nele do que em Israel.

Outra reportagem de comportamento, mas que não consegue escapar do lugar-comum e do preconceito é a que foi veiculada em 28/11/2007 sobre o novo rabino da Congregação Israelita Paulista (CIP). Sob o chapéu “Religião” está um texto sobre Michel Schlesinger, que é também gancho para explicar determinadas tradições judaicas. No entanto, o texto desliza, em seu final, no *script* difundido da avareza judaica: “Sobel [antigo presidente da CIP] recomendou a Michel: ‘cuide bem da lojinha’. A julgar pela opinião da comunidade, ela nunca esteve tão bem cuidada”.

A cobertura de *Veja*, quando o tema é anti-semitismo, é de denúncia, caso, na edição de 06 de fevereiro de 2008, de reportagem sobre o anti-semitismo do Governo Dutra.

Assim, a mesma *Veja* que rejeita o anti-semitismo, e, por extensão, o nazismo, é a *Veja* que se empolga com os mártires do generalíssimo fascista Franco. Aí está um exemplar, antológico uso das matreirices do discurso: abusa-se do não-dito (elogio indireto ao fascismo) enquanto se diz o contrário (denúncia do anti-semitismo), uma incoerência aparentemente resolvida pelo fato de a revista eleger o *script* católico como cânone universal.

FOLHA DE S. PAULO

Pluralismo singular

Dayanne Sousa

A *Folha de S.Paulo* reporta temas de cunho religioso a partir de um olhar preocupado com o politicamente correto e, em decorrência, bastante simplista. Uma vez que defende o pluralismo como um ideal nas notícias que publica, a *Folha* mostra-se uma liberal de plantão, a favor da multiplicidade de cultos e credos, mas, ao mesmo tempo, também defende que essa liberdade de culto e expressão se resuma às esferas da religião, excluindo as implicações políticas e sociais que os confrontos gerados pela fé podem causar. Em temáticas que incluem o posicionamento de igrejas e religiosos em assuntos mais gerais da sociedade, o jornal deixa transparecer o desejo de que, mais uma vez, a religião se limite a uma esfera própria, o que termina, por vezes, numa defesa ingênua, embora justa, do Estado laico, desconsiderando o fato de que religião e política têm se tornado cada vez mais promíscuas.

No tocante ao mundo cristão, a *Folha* faz, como todos os outros veículos aqui analisados, parte de uma defesa, mesmo que sutil ou despercebida, da manutenção do cânone que embasa o universo católico, condenando assim as outras denominações à condição de tendências desviantes (sejam elas pertencentes à Igreja Católica ou às ainda mais criticadas igrejas protestantes).

Defesa de um cânone

A *Folha* dá um tratamento bastante desigual, em essência, a dois credos cristãos – o católico tradicional e o protestante neopentecostal. A publicação prioriza o cânone católico em detrimento de qualquer outro e não esconde uma tendência de ridicularização e de crítica aos cultos protestantes (damos maior destaque aos neopentecostais, pois essa é a vertente protestante sobre a qual houve maior número de notícias no período). Chamam atenção duas reportagens em especial, nas quais se identifica uma imagem estigmatizada do protestante, de seus cultos e sua organização.

Protestantismo: *De R\$ 2 em R\$ 2, constrói-se um script*

No período analisado, foi notável a quantidade de textos sobre corrupção em igrejas neopentecostais (notadamente *Renascer em Cristo* e *Igreja Universal do Reino de Deus*⁷). Reportagens de 13 de outubro e 15 de dezembro de 2007⁸ tratam da imagem e das finanças da Universal e, durante quase todo esse período, a cobertura da prisão dos líderes da Renascer movimentou o jornal.

A publicação de textos em tais assuntos, entretanto, não é o que move este comentário. No caso da Universal, por exemplo, há muito que acusações quanto a irregularidades em suas finanças são notícia. A alta incidência desse tipo de texto, entretanto, pode-se concluir, tem instigado no público leitor e nos produtores da notícia a formação de um *script* que associa o neopentecostalismo à venalidade.

Retomemos a idéia de iceberg de Teun van Dijk (1990:96) na interpretação de sentenças. Grande parte da informação está predominantemente representada pelos usuários da linguagem (aqui compreendidos na relação produtor de notícia X leitor). Um *script*, define van Dijk (1991: 108-120), é o conjunto de representações culturais compartilhadas por convenção sobre episódios já bastante conhecidos da vida social. O que esta análise identificou foi que a cobertura intensa de casos de corrupção, principalmente na Universal, tornou-os fatos largamente conhecidos, mas, mais que isso, colaborou na criação e fortalecimento da representação do protestante como ganancioso e corrupto. Isso significa dizer que mesmo quando o evento no qual estes personagens estão envolvidos não depõe contra eles (ou até mesmo quando depõe a favor deles), o jornal os representa por meio de imagens e construções capazes de produzir no leitor a rejeição.

A reportagem “Bispo ex-dependente de drogas é apontado por líder da Universal como seu sucessor”, de 08 de outubro de 2007, é exemplar. Ao tratar do perfil do eleito pelo bispo Edir Macedo para sucedê-lo na liderança da Igreja Universal do Reino de Deus,

⁷ Pesquisa da FGV, com dados do ano 2000 (ver nota 2), aponta que essas igrejas, juntas, somam apenas 10% dos fiéis de igrejas neopentecostais no Brasil. A maior delas, a Assembléia de Deus, que congrega cerca de 41% dos neopentecostais, a *Folha* não dedicou nenhum espaço no período.

⁸ A reportagem “Universal chega aos 30 anos com império empresarial” analisa as empresas ligadas a bispos da Igreja e aponta obscuridades nessas relações. Por conta dessa reportagem, a *Folha de S.Paulo* foi processada em diversas regiões do país por fiéis da Igreja. O jornal reagiu acusando a cúpula da IURD de querer abusar da justiça e restringir a liberdade de imprensa. Este artigo é resultado de acompanhamento do noticiário de 15 de agosto ao fim de dezembro de 2007 e se conclui em meio a tais acontecimentos. Sendo assim, os textos que se seguiram ao episódio citado não puderam ser contemplados nesta análise primeira.

a reportagem descreve o agraciado, o bispo Romualdo Panceiro, com excesso de detalhes, nos quais são destacados os fatos de ele ter sido ex-usuário de cocaína e de ser “bronco” o bastante para sequer saber guiar um carro:

(...)Ex-cortador de cana e ex-dependente de cocaína e maconha, Panceiro é hoje um dos mais populares bispos dos programas da Universal, exibidos todas as madrugadas na Record e na Rede TV!. Apesar da pouca escolaridade, é dono de uma retórica incisiva e conduz com segurança entrevistas com fiéis diante das câmeras.

Por causa de seu tamanho (1m90) e jeito considerado bronco, é temido por fiéis e pastores. Mas é só aparência.

(...)

Nesse dia iria ganhar um carro (todos os bispos e muitos pastores ficam com carros emprestados e mantidos pela igreja). Só que Panceiro não sabia dirigir e passou vexame.

Van Dijk (idem) caracteriza descrições como esta por um “uso estratégico da irrelevância”, com implicações ideológicas. O destaque para a origem de pobreza, a pouca escolaridade e o envolvimento com drogas faz emergir no leitor, sutil e instantaneamente, a suspeita de que o bispo “ascendeu” às custas da igreja, coisa o que o relato sobre ser presenteado com um carro também reforça.

O perfil de um bispo católico, publicado em 24 de dezembro de 2007, conta com uma construção bastante diferente. O texto reporta a morte de dom Aloísio Lorscheider, arcebispo emérito de Aparecida, tratado como “o brasileiro que teve mais chances de virar papa”. Se virar bispo da Universal foi, para Panceiro, associado a carreirismo, virar papa, aqui, não é associado a ascender na carreira, mas a receber a recompensa pelo mérito. Além disso, a reportagem ressalta os cargos importantes que o Lorscheider já assumiu e é rica em depoimentos favoráveis, concluindo com a frase: “quem conviveu com ele afirma que ele era disciplinado e piedoso”. Ao fim, afirma-se que ele foi um bispo muito ligado à Teologia da Libertação, mas, como que para redimi-lo, segue que “não era um dos bispos mais ligados ao PT”.

Outro episódio que carrega de negatividade a imagem dos neopentecostais: a reportagem “Edir Macedo reaparece no Rio e pede díizimo em ato da Universal com 650 mil”, de 08 de setembro de 2007, relata um ato promovido pela igreja na praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, com o tema “Paz no Rio”. O texto não se detém por nenhum instante no que talvez fosse uma razão elogiável para um encontro (a campanha pela paz), mas se empenha em fazer o mesmo uso estratégico da irrelevância que o anterior: o destaque dado no título e repetido por vezes no interior do texto quanto aos pedidos do

bispo Edir Macedo por doações e dízimo é injustificado, uma vez que o jornalismo busca a novidade e pedir dízimo é uma constante em todo culto religioso, inclusive católico.

Há ainda o relato de que “ajudantes dos pastores vendiam um caderno com as letras das músicas cantadas no evento por R\$ 2.” Tamanho destaque às formas de arrecadar dinheiro corrobora a criação de uma imagem de venalidade, ganância e ilicitude.

Assim, praticamente toda a cobertura revela uma franca estigmatização dos protestantes e provoca uma associação direta da imagem dos componentes da igreja – seus líderes e seguidores - à cobiça e à ambição. Cabe lembrar que o destaque à arrecadação de dinheiro em casos como esse, além de repetitivo e exagerado, não ocorre quando o evento é católico. Reportagens de 30 de novembro e 03 de dezembro de 2007 cujas manchetes são “Por R\$ 99, mosteiro de São Bento oferece a visitante *brunch* refinado após missa” e “*Brunch* transforma mosteiro de São Bento em ‘templo da comilança’”, tratam do início de um serviço de refeições a ser realizado no mosteiro aos domingos, ao preço de R\$ 99 por pessoa. Ambas tem tom leve, de prestação de serviços ao leitor, tratam do ambiente do refeitório do mosteiro, dos quitutes servidos e dos *chefs* responsáveis pela cozinha. O jornal afirma que “parte da renda será destinada a uma ONG que ajuda crianças e adolescentes”, mas não informa qual, nem faz qualquer outra menção sobre o destino do restante da renda, nem sobre a ONG brindada.

Relatiuizando a diferença: ela é (exclusivamente!) divina

O *Manual de Redação da Folha de S.Paulo* assinala a defesa do pluralismo como um princípio editorial do jornal: “Todas as tendências ideológicas expressivas da sociedade devem estar representadas no jornal” (Folha de S.Paulo, 2006). Durante o período analisado, a *Folha* demonstrou um legítimo empenho em expor a diversidade religiosa em vários momentos – tratou de cultura islâmica; publicou artigos sobre os 60 anos do Estado de Israel e deu espaço às reivindicações árabes; dedicou páginas à cobertura da ação dos budistas em Mianmar e publicou colunas, ensaios e artigos comparando e aproximando diferentes crenças. Entretanto, o jornal explora a multiplicidade da fé como se fosse possível restringi-la a um contexto puramente religioso, separando-a dos conflitos político-sociais dela conseqüentes. Tem-se, assim, um tratamento cosmético dos choques gerados pelas crenças e, em conseqüência, a proposição de soluções ingênuas.

Opiniões iguais, igualmente sem importância

Os textos em que esse gênero de estigmatização dos protestantes não aparece são aqueles em que a fé cristã é tomada de uma forma menos específica, ou seja, quando grupos de protestantes e católicos têm a mesma opinião. É o caso da discussão quanto à implantação de ensino criacionista e à legalização do aborto.

Nesses casos, nota-se a tendência editorial a rejeitar em bloco a influência religiosa nas determinações legais e a defender a laicidade do Estado. Em um dos editoriais do dia 21 de setembro de 2007, a *Folha* se põe contra a aprovação do projeto “Deus na Escola” (que defendia o ensino religioso nas escolas públicas) na Assembléia Legislativa de São Paulo. “[as dúvidas] são muitas no que diz respeito a sua constitucionalidade. A Carta, afinal, estabelece a laicidade do Estado e o proíbe de subvencionar igrejas e cultos religiosos e até de manter com eles relação de aliança”, diz o texto.

Assim, a *Folha* defende a liberdade de culto e diz que, justamente por isso, é contra o projeto. O jornal continua defendendo a livre expressão religiosa, mas prefere que esta se mantenha numa espécie de redoma de vidro (como se ela de fato pudesse assim se manter), restrita e longe de interferência política.

As classes gramaticais do Islã

Quando o tema é islamismo, é possível identificar dois padrões de tratamento na *Folha de S.Paulo*. Na seção de política internacional (o caderno *Mundo*), o jornal favorece a abordagem política de eventos como os conflitos no Oriente Médio e são poucas as menções à religião nesses textos. No caso do primeiro tema, elas ficam por conta da descrição de determinados grupos ou protagonistas como islâmicos (veja tabela abaixo), ou seja, o islamismo aparece quase que apenas na função de adjetivo.

Forma de tratamento dos grupos que protagonizam (ou protagonizaram) conflitos em países árabes muçulmanos. O termo “fundamentalista islâmico” só é adotado para referências ao Taleban, grupo mais que fadado ao desprezo depois da vitória norte-americana no Afeganistão,.	
GRUPO	FORMA DE TRATAMENTO MAIS ADOTADA PELA FOLHA
Hamas	grupo extremista islâmico/ grupo radical islâmico ⁹
Al-Qaeda	grupo terrorista/ rede terrorista – normalmente aparece vinculado ao nome de Osama bin Laden
Fatah	partido laico/ partido laico que administra a Cisjordânia
Taleban	milícia fundamentalista/ grupo fundamentalista islâmico

Em outras seções do jornal, o termo muda de conotação. O islamismo passa a ser citado em reportagens que abordam as origens da fé muçulmana e seus valores culturais, com ênfase na tentativa de desvincular a imagem do muçulmano da imagem do fundamentalista. São exemplos dessa segunda acepção do mesmo fenômeno, o Islã, o artigo “Ali Kamel enfoca afinidades monoteístas”, publicado em 01 de setembro de 2007, que divulga livro cuja intenção é fazer conhecer a formação do islamismo, cuja fé em si não exorta a violência; e a reportagem “Afeganistão vira ‘cebola’ em mesa da Bienal do Rio”, de 15 de setembro de 2007, a qual reconstrói um debate na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em que intelectuais discutiam o radicalismo religioso no Afeganistão e alertavam para a necessidade de evitar o raciocínio simplista que liga o fiel do Islã a atos extremos. Destaca-se a frase “o Afeganistão é como uma cebola, cada vez que descascamos uma fatia, descobrimos outra”, da escritora Deborah Rodriguez, a qual defendia que era preciso sensibilidade para compreender a complexidade da lógica dos costumes orientados pela religião no Afeganistão. Aqui, o relativismo ponderado quanto a questões culturais impera de novo.

Uma questão bastante simbólica desse isolamento que o jornal tenta impor às questões religiosas em relação às políticas é a cobertura sobre a proibição imposta às muçulmanas de usarem o *hijab* em escolas francesas. Em 07 de outubro de 2007, a *Folha* publicou duas reportagens sobre o tema, escritas pela correspondente em Paris.

No texto “Lei que proíbe véu em escolas ainda fere muçulmanas”, a preocupação é expor o sentimento dessas personagens, por meio de declarações delas próprias, que, naturalmente, são a favor do *hijab*. Traça-se, assim, a defesa do respeito à liberdade de expressão religiosa, associada a comportamentos e tradições. Logo a seguir, tem-se a

⁹ Mesmo tendo sido democraticamente eleito na Palestina, a *Folha* não trata o Hamas por “partido”, assim como o faz com o laico Fatah.

reportagem “Laicidade tem interpretações diferentes”. Esta trata a questão do uso do *hijab* diferentemente: como gerada por divergências de interpretações políticas e do conceito de laicidade. Opõe-se a visão do criador da proibição, o ex-presidente Jacques Chirac (“defende a total separação entre Estado e Igreja”); a do atual presidente, Nicolas Sarkozy (“respeito às liberdades individuais”); e a das instituições islâmicas (“alardeavam que o povo francês estava podando os costumes dos árabes”).

Não é possível afirmar que o jornal toma partido de qualquer das três posições descritas, mas a exposição do constrangimento das mulheres muçulmanas com a medida seguida dessa discussão desenha uma afirmação pela necessidade de liberdade, sem se perguntar se esta liberdade não fere outras, ou quais as hierarquias de liberdades, isto é, sem considerar que a questão não é de etiqueta, mas eminentemente política. Ainda, o uso do termo “alarde” no segundo texto para tratar das reclamações de instituições muçulmanas é uma escolha que traz carga negativa às reclamações. Assim, a *Folha* expressa a defesa da pluralidade e liberdade de expressão, mas se exime de problematizar seus efeitos políticos e, mesmo destacando as reclamações das estudantes, diminui a validade do posicionamento das instituições que as defenderam na época da criação da lei.

Mártires bombásticos

Como dito, a *Folha de S.Paulo* dá um tratamento bastante curioso aos temas da Igreja Católica. É possível identificar a defesa do cânone católico tradicional e, no que se refere a questões de organização da igreja, nota-se simpatia e complacência mesmo quando o fato narrado não é exatamente exemplar. Apesar disso, quando analisa a postura da igreja sobre temas sociais e acontecimentos da atualidade, a *Folha* se permite críticas ao excesso de conservadorismo católico, principalmente no que se refere à figura do Papa Bento XVI.

A leniência quanto a temas controversos ou obscuros da Igreja Católica também chama atenção. A reportagem “Papa beatifica 498 mortos na Espanha”, de 29 de outubro de 2007, trata da beatificação de 498 mortos na Guerra Civil Espanhola, evidentemente, franquistas. A *Folha* destaca na página a afirmação de que a cerimônia realizada se constituiu numa “homenagem a católicos perseguidos por republicanos”, mas em momento algum destaca a ligação destes católicos com o fascismo de Franco, nem deixa isso claro ao longo da reportagem, ou seja, esse dado, nada irrelevante, termina como se fosse um

mero detalhe. A crítica fica por conta de uma única e vaga frase: “historiadores criticaram a cerimônia, afirmando que ela teve motivações políticas”.

A única menção no texto capaz de eventualmente indispor o leitor progressista contra o Vaticano é que “a igreja apoiou abertamente o regime fascista de Francisco Franco, que governou o país com mão de ferro até sua morte” e que “o Vaticano se irritou com o fato de os socialistas terem introduzido uma legislação facilitando o divórcio e o casamento gay”.

O episódio parece se dever, sobretudo, a uma dificuldade da *Folha de S.Paulo*: assumir uma posição suficientemente definida para explicitar a delicadeza e controvérsia da situação, ou seja, a omissão se deve à crônica oscilação editorial. Tal conclusão se justifica porque se nota que o jornal, ao mesmo tempo em que endossa os mártires franquistas, aborda criticamente as ações do Vaticano quando as compreende como excessivamente conservadoras. Só nos casos de convergência das opiniões de católicos e protestantes, quando a igreja se põe em posição conservadora com relação a temas de relevância social (como aborto e pesquisa com células-tronco), o jornal se faz mais crítico e claro.

A classificação do evento da beatificação como uma “homenagem a católicos perseguidos” faz dos beatificados uma espécie de mártires e deixa de explicar o contexto político da época – contexto esse, aliás, em que os franquistas eram tidos muito mais como vilões, já que dentre seus feitos mais notáveis está o bombardeio da cidade espanhola de Guernica. A escolha do termo “homenagem” marca a utilização de recursos de estilo capazes de deixar transparecer posições ideológicas dos produtores da notícia. Van Dijk (1991: 108-120) afirma que essas posições aparecem quando há “escolhas entre formas alternativas de dizer mais ou menos a mesma coisa”. Neste caso, a palavra “homenagem” claramente expressa em si um conceito mais positivo que neutro e sua utilização para caracterizar a “cerimônia” é desnecessária em termos informativos.

Além disso, a falta de uma crítica direcionada e o uso de “historiadores” de forma vaga também enfraquece o texto. O que poderia ser um dos maiores escândalos da igreja vira uma “homenagem”.

O ESTADO DE S. PAULO**A igreja ainda influencia *O Estado*?****Gustavo Paiva e Luigi Parrini**

O *Estado de S.Paulo* é considerado um jornal de viés conservador, principalmente se comparado ao seu grande concorrente no mercado, a *Folha de S.Paulo*. Essa constatação não é somente senso comum, mas objeto de estudos acadêmicos (Mauro, 2001).

A lingüista Maria Adélia Ferreira Mauro (ibidem) compara editoriais políticos dos dois jornais no período das primeiras eleições diretas para presidente do Brasil após o regime militar, entre junho e outubro de 1989, e conclui que os editoriais do Estado de S.Paulo optam por "fatos e estruturas argumentativas de natureza empírica" que levam o "(e)leitor à posição de deliberar e optar por uma determinada ação", num apelo à racionalidade.

Essa estratégia discursiva, marcada por "argumentos fundados nos fatos e na confrontação de realidades", passa a idéia, falaciosa, de isenção na composição do produto jornalístico, como será observado em uma análise mais minuciosa das coberturas de grandes episódios que envolveram figuras das duas maiores confissões do país, o catolicismo e o protestantismo neopentecostal.

No entanto, quando a análise discursiva do jornal no tocante à religião é feita não a partir da coerência interna do texto, mas por meio da escolha e desenvolvimento de tópicos relacionados a cada credo, é notável o tratamento discrepante entre as duas vertentes majoritárias do cristianismo no Brasil.

A geopolítica de tópicos e editorias

Distintas abordagens de tópicos implicam diferenciações na distribuição espacial das religiões entre as editorias do jornal, de maneira a atribuir-lhes importâncias díspares. A editoria Vida& aborda assuntos os quais, mesmo que não sejam os principais da publicação, merecem atenção constante: saúde, educação, meio ambiente, ciência e tecnologia e religião. A constituição temática do caderno já constrói a coerência global da publicação em termos de relevância social, de modo a evidenciar um alinhamento editorial, e alça a religião ao mesmo patamar de temas fundamentais no debate público, e próximos do cotidiano do leitor.

Tudo que concerne ao âmbito religioso e é considerado notícia é publicado, a priori, nessa seção. O catolicismo aparece constantemente nas páginas de Vida&, com critérios de noticiabilidade vantajosos sobre as outras religiões, em tom quase oficial. As viagens e discursos do Papa são sistematicamente relatados, tais como trocas de cargos na Santa Sé e outros eventos menores ligados ao Vaticano.

No dia 10 de setembro de 2007, o jornal publicou a reportagem "Papa critica domingo dedicado apenas ao ócio", em que Ratzinger condena a prática de outras atividades em detrimento da dedicação à religiosidade. O discurso, em descompasso com uma sociedade pouco afeita às obrigações litúrgicas da Igreja Católica, ganhou chamada e foto de Bento XVI na capa.

Em 2 de outubro do mesmo ano, *O Estado de S.Paulo* apresenta, no mesmo caderno, reportagem pormenorizada sobre a Campanha da Fraternidade de 2008, capitaneada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O texto, destaque da página, é ilustrado pelo cartaz da Campanha e contém a indicação de um link para o portal do jornal na internet, no qual o leitor pode encontrar o texto preliminar da mobilização na íntegra. No mesmo dia, o Vida& publicou nota que informava sobre um livro a ser lançado na Itália sobre a vida do Papa Joseph Ratzinger, com a apresentação de um mascote, o "gato Chico".

Pode-se notar nesse último exemplo o que van Dijk (1990) chama de uso estratégico do irrelevante. O livro, com simpáticas e coloridas lustrações, narra uma história ocorrida na infância de Joseph Ratzinger, tornando-o uma espécie de super-herói infantil. Ao atribuir ao líder da igreja qualidades a serem imitadas pelas crianças, transforma-se o papa num exemplo de virtudes extra-pontificiais, reforçando a proximidade com os fiéis.

Não obstante a cobertura detalhada do Vaticano, *O Estado de S. Paulo* foi bastante econômico no caso da beatificação de 498 católicos espanhóis mortos durante a Guerra Civil no país. Houve apenas duas notícias sobre o caso, sendo que uma delas foi publicada no caderno Internacional, com enfoque em medidas judiciais referentes ao franquismo (1/11/2007, pág. A16). A outra (29/10/2007, pág. A11), uma nota, apenas informa a beatificação pelo Vaticano, sem nenhuma contrapartida crítica à fala do papa Bento XVI sobre os ditos mártires: "exemplos de amor e compreensão para todos os cristãos".

Enquanto o caderno Vida& cobre o catolicismo como se fosse um "diário oficial", as outras religiões cristãs só aparecem em casos em que há quebra de normalidade, casos

desviantes, como, por exemplo, escândalos financeiros e contravenções penais, o que indica a disparidade dos critérios adotados para noticiar fatos relacionados a outras denominações. O caso da prisão dos líderes da Igreja Renascer em Cristo, condenados por entrar com dinheiro não declarado nos Estados Unidos, foi noticiado no Vida&.

Distribuição espacial das religiões n'O Estado de S. Paulo

<i>Editorias</i>	<i>Abordagem</i>
Vida&	Cobertura política e ecumênica da Igreja Católica; desvios neopentecostais; <i>fait divers</i> esporádicos de outras religiões
Metrópole/Cidades	Casos não-canônicos do catolicismo e delitos “mais graves” em outras religiões
Nacional	Atividades políticas de membros da Igreja Católica; raras notícias de outras religiões
Internacional	Aspectos políticos relacionados ao islamismo, em grande quantidade, e em outras religiões, esporadicamente

O mesmo tratamento editorial, contudo, não é dado aos casos desviantes da Igreja Católica no Brasil. O escândalo do padre Júlio Lancellotti, que denunciou dois casos de extorsão feitos a ele por ex-detentos da antiga Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), figurou nas páginas da editoria Metrópole. Este caderno é dedicado a fatos do cotidiano da cidade de São Paulo e casos policiais, como caberia ao dos bispos da Igreja Renascer, que, no entanto, figurou nas páginas de Vida&, denotando o *script* implícito no jornal de que “desvios” são característicos das igrejas neopentecostais .

Este *script* explicaria porque o protesto de Dom Luiz Cappio, bispo de Barra (BA), que entrou em greve de fome por ser contrário à transposição das águas do rio São Francisco, esteve presente no caderno Nacional, prioritariamente de matiz política. Logo, se um religioso católico representa um papel de ativista político ou está envolvido em um crime, é “ejetado” do espaço dedicado à cobertura da religião católica, como se esses casos fossem exceções que fugissem ao figurino do catolicismo, representado no caderno Vida&.

A lógica da cobertura do protestantismo parece ser outra, em que as denominações, sobretudo as neopentecostais, só são notícia quando há algo que foge à normalidade. No entanto, tais casos escandalosos são noticiados no caderno Vida& como parte integrante destas confissões. Além do episódio da condenação dos líderes da Igreja Renascer, o Vida& publica freqüentemente notícias ligadas a problemas da Igreja Universal do Reino de Deus ou a seus fiéis, associando automaticamente suas (más) ações à instituição e, por

consequente, à religião em si. Um exemplo dessa ilação é a matéria "Deputado Bispo Gê e Edir Macedo são alvo de investigações" (19/10/07, pág. A25). Neste caso, o deputado e o empresário são de confissões diferentes (respectivamente Renascer e Universal) e aparecem juntos unicamente por serem neopentecostais investigados por corrupção.

Afinal, quem é xiita?

O Islã real, mesmo contemporâneo, não dissocia política de religião. *O Estado de S. Paulo*, entretanto, destaca apenas a faceta política do mundo maometano, o que pode ser comprovado pela escassez de referências ao islamismo no caderno Vida&, no qual a temática religiosa é um determinante da coerência global das notícias.

O caderno Internacional concentra a grande maioria do conteúdo sobre o islamismo no jornal. A editoria se caracteriza pela primazia do noticiário relacionado a conflagrações políticas. Nesse contexto, as denominações islâmicas aparecem como indicadores de facções conflituosas, pouco importando o caráter doutrinário que os termos representem. "Xiitas" e "sunitas", adversários doutrinários de longa data, se configuram tão somente como atores políticos em zonas de conflito, como as do Iraque (5/9/2007, pág. A14), da Palestina (17/9/2007, pág. A10), do Líbano (20/9/2007, pág. A14) e da Síria (21/10/2007, pág. A32), de modo a não se abordar, sequer tangencialmente, seu significado religioso. Contudo, ao contrário do sentido construído pela publicação, essas expressões são indissociáveis de conteúdos religiosos.

Há também o uso atávico das expressões "grupo/movimento radical xiita/islâmico" para descrever o Hamas e Hezbollah. Embora não se possa destacar a motivação religiosa da ação política no mundo muçulmano, ou ignorar o radicalismo de tais grupos, a combinação "islâmico-radical", excessiva e irrefletida, cristaliza no leitor o *script* de que o Islã, acima de qualquer querela local, é o fomentador de violência na geopolítica mundial. Não se trata de uso estratégico do irrelevante, mas da falta de observação das implicações subjacentes aos termos.

Um *script* inconsciente?

No dia 22 de setembro de 2007, *O Estado de S. Paulo* publicou, na editoria Vida&, uma reportagem intitulada "Arcebispo de Pequim é reconhecido pelo papa", acompanhada do chapéu "Religião", em que se relata a aproximação do Vaticano com a Igreja Católica

da China, país com o qual o Estado do Vaticano não mantém relações diplomáticas desde 1951. A notícia circunda um *box* cujo título é "'Pentecostais são o maior desafio para Igreja'". O pequeno texto reporta as declarações do cardeal Walter Kasper, presidente do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos. Kasper coloca as igrejas pentecostais num nível abaixo das ortodoxas e protestantes tradicionais, chamando-as de "seitas" e acrescentando "que nem os instrumentos usados nem os objetivos desses grupos são 'puramente espirituais'".

O jornal, ao publicar tal declaração, não só endossa a legitimidade do discurso oficial do Vaticano, como também confere à Santa Sé autoridade como parecerista de outras religiões.

Logo à direita, há a reportagem "Pastor da Universal acusado de estelionato", cujo chapéu é "justiça", a qual relata a investigação de um pastor da Igreja Universal em Araçatuba, interior de São Paulo, acusado do crime por ter convencido uma cabeleireira a doar R\$ 3 mil em troca de uma bênção, sem o consentimento do marido, que se revoltou ao descobrir ter perdido suas economias.

Se lidas em seqüência, da esquerda para a direita, o conjunto de reportagens da página cria um contexto de recepção (van Dijk, 1990:94) em que a Igreja Católica parece estar "no caminho certo", enquanto as pentecostais soam como uma ameaça comprovada ao verdadeiro credo, e a ser combatida.

A última reportagem, sobre a qual paira uma acusação de estelionato, reforça a fala do cardeal Kasper, adicionando uma prova factual à sua opinião e rompendo a aparente imparcialidade da coesão interna dos textos e do jornal. O procedimento de imputar um caráter factual à opinião de Kasper se encaixa na lógica argumentativa descrita por Mauro (2001).

Tendo em vista as diferenças quantitativas e qualitativas da cobertura do catolicismo em relação às outras religiões, fica patente que *O Estado de S.Paulo* ainda considera a Igreja Católica como a única instituição religiosa com *status* e autoridade suficientes para ser freqüentemente ouvida como um ator social relevante.

O GLOBO**O Eu e o(s) outro(s)****Camilla Ueras**

As religiões abraâmicas comumente dão o ar da graça nas páginas d'*O Globo*. De maneira geral, elas concentram-se nas seções "Mundo", "Rio" e "O País" - mas isso não quer dizer que não possam ser vistas numa pauta de economia, por exemplo. Nesse jornal, a proposta da presente pesquisa de investigar como são abordadas as diferentes crenças rende frutos, principalmente porque a diferença de tratamento entre catolicismo, protestantismo e islamismo é clara e segue uma certa tendência.

Em nome do pai, do filho e do espírito santo

A análise de caso do catolicismo tem como pano de fundo nosso próprio passado religioso: ainda que partidários de um "catolicismo preguiçoso" (contrastado àquele, mais observante e devoto, praticado na Polônia e nas Filipinas, por exemplo), somos majoritariamente católicos¹⁰. Mesmo que os jornalistas não sintam o peso da cultura dessa religião em sua formação e visão de mundo, ela se impõe inadvertidamente, muitas vezes, em algumas sutilezas da edição, pauta ou reportagens – seja demonstrando simpatia à religião como um todo, seja defendendo um cânone específico.

Um aspecto a ser ressaltado na cobertura é o uso da *estratégia da irrelevância* (van Dijk, 1990), em que peculiaridades à priori desimportantes para o entendimento do tema da reportagem se unem em uma espécie de moldura do fato retratado, podendo configurar-se como um elemento decisório para que o leitor construa uma imagem positiva ou negativa do que é exposto. A defesa do cânone, por sua vez, apresenta-se, muitas vezes, através da hierarquização das pautas, dentro do processo de construção da coerência local dos textos (ibidem). Entendendo-se por "cânone" o corpo doutrinário e as manifestações oficiais da Igreja Católica, sua adoção acontece quando as decisões mais insignificantes do catolicismo têm lugar de destaque no jornal, ou quando as atitudes que dele se desviam são, de alguma maneira, repreendidas.

No caso da cobertura do discurso papal sobre o meio ambiente ("Papa mobiliza 500 mil por ecologia", 03/09/2007), podemos perceber o *uso estratégico do irrelevante*

¹⁰ Segundo dados do IBGE (ver nota 2), o grupo dos católicos corresponde a 73,79% do país.

(ibidem) na linguagem carinhosa que a reportagem usou para descrever Ratzinger. Referiu-se a ele como octogenário (remetendo-nos a uma imagem de “bom velhinho”), falou de suas roupas verdes, de sua popularidade e de seu discurso cativante: “Em atestado de popularidade invejável para qualquer estadista, o Papa Bento XVI conseguiu **reunir e mobilizar** meio milhão de jovens”.

É importante ter em mente que o atual Papa, antes de ser o "Santo Padre", dirigia o quadro de religiosos encarregados da Congregação para a Doutrina de Fé, o novo nome do antigo Tribunal da Santa Inquisição. Sendo assim, tentar aproximar Bento XVI da imagem do idoso frágil e amável significa, no mínimo, afastá-lo de seu passado, de seus precedentes na hierarquia católica, e de suas principais qualificações, como teólogo conservador.

Ainda, é preciso ler com cuidado o “reunir **E mobilizar**” que descreve o resultado das ações do Papa naquele dia. Afinal, garantir que todas aquelas pessoas que foram ao evento saíram de lá para efetivamente fazer algo pelo meio ambiente pode ser comparado à crença de que uma assídua - e fora de forma - leitora de revistas de beleza irá, de fato, começar sua dieta na próxima segunda-feira. Trocando em miúdos, é extremamente difícil medir o impacto real dos discursos nas ações futuras de seu público, e não seria diferente aqui.

Além disso, o uso de “meio milhão”, ao invés dos 500 mil, no título, é muito mais impactante aos olhos de quem se depara com o texto - uma prova do poder que o estilo do texto tem diante do processo cognitivo de seus leitores (ibidem) -, assim como o verbo “cativar”, em vez de brindar, oferecer, levar. A reportagem segue: “Vestido em tom verde, o **octogenário** líder católico **cativou** a platéia com seu discurso ecológico”.

Um outro exemplo de adesão ao *script* católico aparece em uma notícia sobre o roubo de peças históricas ("Patrimônio desfalcado", de 02/11/2007), na qual a legenda da foto deixa escapar: "O **anjinho** que adornava o púlpito da Igreja do Bom Jesus da Coluna: faltava dourar a veste". Novamente o tratamento carinhoso, agora dispensado ao anjo, apresentado com um diminutivo, transparece a simpatia, afeto e alinhamento à religião citada anteriormente, e faz com que o leitor se sinta mais próximo dela, também.

O caso das freiras que foram retiradas por força policial de um convento na Polônia ("O fim da rebelião das freiras", de 11/10/2007) repete a perspectiva da defesa do cânone católico, mas visto pelo lado contrário, denunciando os desviantes: as religiosas foram denominadas de "freiras rebeldes" e foi reiterado que elas haviam "desobedecido ordens do

Vaticano". Aliás, essas freiras já haviam recebido ordens de se retirarem do convento por prestarem apoio à madre superiora, anteriormente limada do círculo religioso pelo próprio Ratzinger, porque afirmava ter visões santas, "o que não era bem visto pelo clero polonês".

O caso do generalíssimo

Entretanto, quando é a Igreja Católica que trai seus próprios ensinamentos de base, a incoerência não fica assim tão explícita. É o caso "do generalíssimo", referente à beatificação em massa de padres e leigos que "lutaram na guerra civil espanhola". Uma dia antes da cerimônia, uma nota avisava sobre os "498 mártires" a serem beatificados no dia seguinte. Ao invés de citarem, pelo menos, que esses neo-beatificados eram aliados do regime fascista espanhol, o franquismo, e que empunharam armas – e usaram-nas – inúmeras vezes, a reportagem preferiu recorrer a denominações que os identificasse com heróis, como "**mártires**" e vítimas de "**perseguições religiosas**".

No dia seguinte ("Vaticano beatifica mártires espanhóis", de 29/10/2007), o jornal reproduz as aspas do Papa sobre as "vítimas de milícias esquerdistas", e lembra que ele "não fez alusão às circunstâncias históricas nas quais morreram os 498 novos beatos". Ora, não fez o Santo Padre, também não fez *O Globo*! Em momento algum o repórter deu-se ao trabalho de explicar que aqueles que "estavam na rota da santidade" (uma expressão que os aproxima mais do céu do que da terra) também vitimaram e foram perseguidores nessa mesma guerra.

Claramente, esse tipo de dispositivo discursivo caracteriza-se como *omissão estratégica* (van Dijk, 1990), que, assim como o *uso do irrelevante*, através de detalhes de escolhas léxicas e sintáticas se propõe a construir determinado juízo sobre o fato retratado. Nesse caso, a coerência local do texto foi edificada sobre uma base que identificava os padres-soldados com pobres coitados apossados pela esquerda. Sendo assim, quaisquer referências a seus atos de extermínio e crueldade durante o conflito quebrariam essa lógica interna do registro.

Indulgência aos templários, 700 anos depois

A página de História ("Vaticano tira acusação de heresia dos templários", de 27/10/2007) que noticiou a liberação dos documentos do Vaticano que isentavam os templários medievais da acusação de heresia fez a devida contextualização do caso e, no final, atirou: mesmo que os historiadores já soubessem a verdade, "...ainda faltava o reconhecimento do ator principal: a Igreja Católica. Faltava." E por que faltava? Nesse caso, o jornalista tem que arcar com a responsabilidade de entregar à Igreja Católica o papel de "ator principal".

O repórter não explicita as razões – talvez até porque não as tenha exatamente delineadas –, mas podemos apostar na força da cultura religiosa católica ocidental circundante como meio de impulsão à defesa do cânone vaticanista. Ainda que inconscientemente, ainda que o jornalista não seja partidário ferrenho da religião do Vaticano, o ambiente cultural em que ele foi criado provavelmente extrapola os limites do "Graças a Deus" e do sinal-da-cruz esporádicos e imprime suas marcas nas esquinas de seu texto, das quais, conseqüentemente, emana um tom de persuasão ou de reafirmação da ordem eclesiástica católico-normativa.

Dupli-pensar

A interpretação da cobertura do tema religião por *O Globo* ganha complexidade quando a Igreja Católica é enxergada por um viés mais político e social, como uma instituição às vezes forte o suficiente para competir com as instâncias políticas tradicionais e laicas. Frequentemente, ela ganha o papel de protagonista no jogo de pesos por trás de decisões importantes.

É o caso da questão do aborto na Conferência Nacional de Saúde ("Aborto: Igreja derrota proposta do governo", de 19/11/2007). Quando a descriminalização do aborto foi, mais uma vez, barrada por pressões da Igreja Católica, *O Globo* diz que os "católicos pressionam delegados de conferência de saúde, e projeto de descriminalização da prática é rejeitado" e manifesta-se sobre a "...**derrota** do Ministério da Saúde": "Mais organizados, os católicos ocuparam os lugares estratégicos à frente das mesas de trabalho"; "...prevaleceu a pressão dos setores da Igreja Católica".

O ministro José Gomes Temporão disse, na ocasião, que a Igreja montou uma "verdadeira claqué", e o jornal acrescentou que, antes da votação, "a Igreja não permitiu a discussão do tema". Mas, afinal, teoricamente, que poderes teria ela, como instituição religiosa, num país cuja constituição proclama-se laica, para permitir ou não? Apesar de a pergunta ser sempre cabível – por se tratar da influência de uma determinada instituição sobre as disposições governamentais –, como ela se equaciona no século XXI? Desde a opulência de poder político da Igreja Católica nos idos medievais, sua influência nas decisões é motivo para que ela não seja ignorada também como peça no jogo político – mesmo tratando-se de uma época em que acreditamos viver sob o império da secularização, inclusive da política.

Como atriz da política, então, a Igreja Católica é tratada basicamente da mesma forma que os outros personagens de autoridade na área. Nesse caso, ainda, os holofotes são desviados da religião católica em si para a instituição da igreja, que, de fato, é quem se organiza para alçar a política com seus tentáculos de influência.

Na seqüência do caso da descriminalização do aborto, a reportagem sobre a antecipação do parecer contrário apresentou, também, um viés mais crítico. O texto diz que "(Jorge Tadeu) Mudalen [político evangélico do DEM (Democratas) e relator do caso] não aguarda o fim das discussões e recorre a valores morais e religiosos" e, ainda que, para tanto, ele se apega ao resultado da Conferência Nacional de Saúde, na qual os votos contra somaram 70%. Inesperada é a ressalva do jornal à declaração de Mudalen de que o assunto havia sido discutido à exaustão - segundo o mesmo *O Globo*, essas discussões não ocorreram, devido às pressões da Igreja Católica, como pudemos conferir nos parágrafos anteriores.

O Papa é pop

No contexto de cobertura das ações políticas da Igreja Católica, o jornal resolve seguir a atual mania dos meios de comunicação de monitorar exaustivamente a agenda de políticos. Para *O Globo*, qualquer gesto do Vaticano é notícia: se o Papa decide rezar missas em latim ("Bento XVI quer se reconciliar com ultra-conservadores", de 14/09/2007), ou resolve refutar a defesa das religiões não-cristãs ("Papa alerta teólogos sobre arrogância", de 19/09/2007) ou falar sobre a importância do domingo ("Papa:

'Domingo é de Deus, não do lazer"', de 10/09/2007); quando visita o memorial judaico em Viena ("Papa reza por mortos do Holocausto", de 08/09/2007) ou nomeia novos cardeais ("Arcebispo de São Paulo: nono cardeal do Brasil" - 18/10/2007).

Ali Babá também sabe usar terno e gravata e falar inglês

Tomando como ponto de partida a noção de que a cultura brasileira está impregnada da religiosidade católica (ainda que não fervorosa), é de se esperar estranhamento de tudo o que seja "o outro", quando se fala em religião. Dentro desse grupo dos outros, de tamanho considerável, coabitam crenças que vão dos rituais africanos ao zen-budismo, passando, claro, pelo islamismo.

A priori, a expectativa de ver, na mídia impressa, a continuação da cobertura televisiva sobre a religião – a qual, freqüentemente, reitera estereótipos com a overdose de imagens de árabes barbudos com ares de vilão e dos destroços provocados por carros-bomba – se frustra. N' *O Globo* escrito, aliás, é comum até uma certa quebra desses estereótipos. Vasculhar as origens da má impressão causada nos brasileiros pelas barbas caudalosas islâmicas explica em muito o mal-estar oriundo daquela cobertura: partilhamos o *script* (van Dijk, 1991) de que todos os que não trazem o rosto despido dos pêlos são, em algum aspecto, radicais. Nesse mesmo *script* (que pode ser traduzido como uma convenção ou imaginário social compartilhado) está a imagem dos partidários da guerrilha do Araguaia ou, para sermos mais atuais, as feições do atual presidente em suas primeiras candidaturas, quando sindicalista – que lhe valeram, inclusive, o apelido de "sapo barbudo" pelos políticos e pela mídia de direita.

Na reportagem "A era do Jihadismo Light" (02/09/2007), o correspondente em Londres descreve o porta-voz do partido Hizb ut-Tahrir como um homem com ares cosmopolitas – que, vestido de terno cinza, apresenta-se fazendo piadas sobre o péssimo tempo da capital inglesa (falar do tempo e tomar chá são, há muito, marcas indeléveis dos costumes britânicos). Ademais, nada de radicalismos no discurso do entrevistado. Pelo contrário, o leitor é surpreendido por uma visão sóbria e ponderada sobre a questão muçulmana: "...a Europa tem um passado mais sangrento e permeado por guerras do que o mundo muçulmano (...) Mas é difícil lutar contra o preconceito e a islamofobia".

Tudo certo, não houvesse um porém: o partido Hizb ut-Tahrir é, na verdade, bastante fundamentalista. Talvez o repórter não tivesse conhecimentos prévios sobre ele e tenha "comprado" histórias contadas por outras pessoas. Ainda assim, persiste a tentativa de apresentar ao leitor uma outra visão sobre o mundo islâmico, mais arejada de preconceitos.

Na ocasião das eleições na Turquia, o jornal acompanhou as especulações sobre a possibilidade de aliança entre religião e política. Ao contrário de outros periódicos, *O Globo* não fez uma defesa ferrenha do Estado laico; mas ouviu intelectuais turcos que duvidavam do sucesso de um presidente islamista, explorou a ortodoxia religiosa da mulher do presidente e mostrou seu comportamento pendular entre a política e a fé ("Entre o Islã e a política" , de 29/08/2007).

Civilizações sem choques

Outra característica que destaca o jornal em relação à cobertura do Islã é a voz que ele dá às opiniões que desvinculam a violência dos ataques feitos por islamitas da questão religiosa. De entrevistas e reportagens, sobressaem opiniões equilibradas que ressalvam ser reflexo da política o problema com o terrorismo. O acadêmico francês Olivier Roy ("Corpo-a-Corpo", de 02/09/2007), por exemplo, afirma que o radicalismo islâmico na Europa tem muito menos raízes ideológicas do que se imagina (ele o atribui a uma crise de identidade dos jovens muçulmanos) e nega o clichê do choque de civilizações¹¹.

O cientista político alemão Erich Schmidt Eeboom ("Corpo-a-Corpo", de 06/09/2007), por sua vez, alerta que o novo terrorista de origem cristã europeia é "perigo ainda maior" e explica que os novos convertidos chamam menos a atenção e, assim, são dificilmente descobertos. O jornalista britânico Jason Burke, ao defender a teoria da descentralização do terrorismo islâmico ("Osama Bin Laden é hoje um rosto no cartaz da *jihad*", de 11/09/2007) diz que, depois do 11/9, a Al-Qaeda se tornou uma ideologia. O radicalismo islâmico atual seria, portanto, mais amador, caótico e descentralizado e, por isso, mais difícil de ser combatido. Além disso, o escritor argelino Mohammed Moulesseboul falou, na Bienal do Livro do Rio, de "terrorismo ocidental" (11/09/2007), e o historiador Eric Hobsbawn comentou que "terrorismo é problema de segurança pública"

¹¹ HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações*. Objetiva, 1997.

("Exploração política de atentados é uma ameaça maior à democracia do que extremismo", de 24/11/2007).

Nesta caravana de reportagens, ainda, há um texto do *New York Times* que aborda o islamismo direcionado a jovens ocidentais ("*Jihad* para inglês (e americano) ver" - 16/10/2007). Ele trata da "mídia jihadista" através do exemplo de um jovem da Carolina do Norte, que nasceu na Arábia Saudita e cresceu no Queens e que faz parte dos "operadores de mídia independente", que produzem vídeos que exaltam a Al-Qaeda e são direcionados, principalmente, ao público ocidental.

Patricinha das Arábias

Seguindo a linha de quebra de estereótipos, *O Globo* também costuma fazê-lo aproximando os personagens das reportagens do universo dos leitores (aproximando os muçulmanos da cultura ocidental). Independente de como seja visto, esse movimento pode, em última instância, auxiliar a diminuir preconceitos.

Um episódio ilustrativo ocorreu no caderno "Ela", suplemento feminino publicado aos sábados ("Patricinha das arábias" - 24/11/2007). Ao tratar sobre a autora do livro "Vida dupla" (proibido em alguns países e considerado o "Sex and the City de Riad"), Rajaa Alsanea, o texto do jornal, sempre em tom informal, busca apontar "semelhanças entre lá e cá", como a obsessão por dietas, a paixão pelas grifes e o costume de recorrer às cirurgias plásticas para retocar as imperfeições da silhueta. Na foto que acompanha a reportagem (legendada de "champanhe rosé, baralho e narguilé"), a autora - bem maquiada e de *hijab* - diz que, na adolescência, seu filme favorito era "As Patricinhas de Beverly Hills".

Todos esses detalhes citados unem-se para que, mais uma vez, o desimportante seja usado para que o leitor simpatize com as personagens (aculturadas) oferecidas pela reportagem (van Dijk, 1990). Depois de tudo isso, o texto ainda ressalta, dentro da idéia de conciliação das culturas, que a autora fala respeitosamente de Maomé e observa o Ramadã. A repórter arremata regozijando-se por ver que há mulheres do outro lado do mundo que passam pelas mesmas angústias que nós.

Sessão do descarrego

Sendo parte integrante, ainda que a contragosto, da trupe dos "outros" (as religiões vistas com estranheza por uma sociedade majoritariamente católica), o protestantismo – mais especificamente as religiões pentecostais¹² – não teve a mesma sorte que seu *compagnon de route* islamismo. Apesar de serem apenas 12,5%¹³ do total da população, os pentecostais são presença marcante no noticiário que, como veremos adiante, trata de atividades "para-legais", para usar um termo do próprio jornal.

Para começo de prosa, muitas das vezes os neopentecostais não são nem mesmo vistos como membros de uma religião. Isso fica patente no vocabulário destinado aos evangélicos, que inclui, freqüentemente, termos entre aspas (usados especialmente para o "**bispo**" da Universal e os da Renascer - sinal inequívoco da ambigüidade do conteúdo desses nomes) e o uso de palavras como "seita", "templo" e "líderes da igreja" - em vez de pastores ou lideranças - que depreciam seu status de religião regularmente instituída. Essas são escolhas de estilo (van Dijk, 1990) dos jornalistas que, para além da personalização do texto, deixam escapar a atuação inconsciente (ou adesão cognitiva) dos *scripts* - valendo, nesse caso, aquele que liga qualquer ação das Igrejas Pentecostais à venalidade.

Dois elementos que circunscrevem a religião dentro do país são os principais eixos retratados nas coberturas: o perfil psicológico de seus seguidores e a estratégia que suas autoridades adotam para se financiarem. Essa escolha editorial, um dos pilares da construção da *coerência global* do texto (ibidem), é praticada como se outros aspectos da crença – tais como a capacidade de aglutinar, de dar uma sensação de pertinência a seus seguidores e seu rápido crescimento demográfico – fossem peças coadjuvantes. Sendo assim, exploremos cada um dos integrantes dessa dupla.

Os evangélicos, ao contrário dos católicos e dos islâmicos, enquadram-se freqüentemente na cobertura dos *fait divers*. Têm cadeira cativa nas páginas d'O Globo aqueles que têm um passado condenatório ("Traficante de armas vira pastor e se entrega", a respeito de João Grandão, de 01/11/2007), os fiéis cometedores de delitos ("Pastor é preso

¹² As religiões protestantes são, no Brasil, divididas em dois grandes grupos, intitulados Evangélicos de Missão - no qual encontram-se presbiterianos, luteranos e batistas, por exemplo - e Evangélicos Pentecostais - que incluem a Igreja Universal do Reino de Deus e a Assembléia do Reino de Deus. Denominações do IBGE.

¹³ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (ver nota 2)

por fazer gato de luz em igreja", de 22/08/2007; "Pastor assassina menino", de 20/10/2007) e os destruidores de imagens ("Pastor queima imagens sacras tombadas", de 20/10/2007).

No episódio do "casal Renascer"¹⁴, em que os fundadores da igreja foram presos por circularem nos Estados Unidos com dólares não-declarados, eles são retratados em foto, no momento de sua condenação, com largos sorrisos estampados no rosto – facilmente lidos como prova adicional do cinismo dos "vendilhões".

O funcionamento econômico e financeiro das religiões protestantes no Brasil, por sua vez, é freqüentemente visto com desconfiança. São inexistentes, por exemplo, notícias sobre a Assembléia de Deus (que circunscreve 4,8% do total da população¹⁵), que, além de não ser fonte de escândalos como as outras pentecostais, é mais antiga e mais numerosa que elas¹⁶. O que vale, nesse caso, é o *script* da venalidade atávica, que alimenta a suspeita dos repórteres em relação a quaisquer ações das diferentes igrejas.

Na contramão, o leitor irá sentir uma certa carência em relação a pautas que tratem do patrimônio da Igreja Católica, que, levando-se em conta os séculos de acúmulo de riqueza por parte da instituição (claramente traduzido em gigantescas catedrais erigidas pelo Brasil afora) não deve ser simplesmente ignorado. Somando-se isso ao fato de algumas pentecostais estarem dando seus primeiros passos como religiões – e, assim, estarem no que se pode chamar de uma fase primitiva de acúmulo de bens, pela qual a Igreja Católica já passou –, temos uma equação em que os evangélicos acabam, realmente, parecendo meros entusiastas do dinheiro – quando estão fazendo o que seus predecessores fizeram, com sucesso e menos críticas.

Ainda que todos esses fatores sejam levados em conta, seria pecado esquecer que protestantes e católicos têm, em sua gênese, comportamentos completamente diferentes no que diz respeito às questões da riqueza, das finanças, do trabalho e do sucesso. Os aportes da "Sociologia da Religião" weberiana deixam clara esta distinção: o que, para os adeptos da igreja de Pedro, seria repreensível por se encaixar na iniquidade da cobiça, tal como o acúmulo de bens, torna-se, na doutrina dos reformistas, um bom e inequívoco sinal de prosperidade – que poderia até, em última instância, significar que o indivíduo caiu nas graças da predestinação (Weber, 1963). Ainda, não custa lembrar que a ética protestante impele seus crentes ao trabalho árduo e a uma vida de renúncia a muitos dos prazeres

¹⁴ Sônia e Estevam Hernandes, fundadores da referida Igreja.

¹⁵ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (ver nota 2)

¹⁶ A Igreja Universal do Reino de Deus, tão popularmente debatida atualmente, é responsável por 1,5% dos fiéis brasileiros. Dados da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE. (idem)

mundanos. No somatório dos anos, essa combinação tende a se converter em formação de patrimônios, de nenhuma maneira censuráveis aos olhos da referida fé¹⁷.

Essa pedra fundamental da Reforma nunca é levada em consideração quando as pentecostais são abordadas pelos jornalistas. As Igrejas Pentecostais são sempre filtradas no metro católico, ou melhor, são unificadas na construção do *script* que delimita a visão que o "eu" tem desse "outro".

Segundo a pesquisa "Economia das Religiões", desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas em 2007, a ascensão das religiões protestantes no Brasil encontrou terra fértil durante as décadas perdidas (anos de 80 e 90). Sendo assim, elas se aproveitaram do vácuo deixado pela estagnação econômica herdada dessa época para implantarem novas formas de inserção produtivas. Seguindo essa trilha, e tendo em vista o contexto sócio-econômico de disseminação do pentecostalismo, a pesquisa conclui, portanto, que seus seguidores são os "perdedores da crise econômica", emergentes dentro do contexto de desemprego, violência e favelização decorrentes do processo de metropolização¹⁸.

A fixação das reportagens nas atividades financeiras destas igrejas desconsidera este fato, desconsiderando também que os pentecostais respondem por 44% do total de doações feitas para instituições religiosas dentro do país. Ainda, eles são 26,6% dos que praticam o dízimo, ainda que sejam 12,5% da população¹⁹.

Destarte, construindo sua *coerência local* (van Dijk, 1990) com base em determinadas escolhas – centradas nas referidas peculiaridades dessas religiões protestantes e distantes de suas noções intrínsecas de ética –, os textos d'*O Globo* repetem o script de venalidade e de marginalidade ao qual nos referimos anteriormente²⁰.

Os exemplos são múltiplos: na reportagem que investiga as intenções da Igreja Universal de comprar uma emissora de rádio ("Seita' pede doações para comprar rádios, de

¹⁷ WEBER, Max. *A Ética Protestante o Espírito do Capitalismo*. Companhia das Letras, 2004.

¹⁸ O texto da CPS/FGV dá maior sustentação à teoria quando constata que as "pobrezas tradicionais", encontradas no Nordeste do país, continuam, em sua maioria, católicas. Dessa forma, a ascensão constante das igrejas pentecostais dever-se-ia, de fato, ao fenômeno das crises metropolitanas.

¹⁹ Dados extraídos da pesquisa CPS/FGV a partir de microdados da POF 2003/IBGE (ver nota 2).

²⁰ O alvoroço e o estranhamento que cercam os mecanismos de atuação dessas novas fés protestantes não são infundados. De fato, a própria pesquisa da FGV, norteada pelas obras de Weber que abordam a religião, detecta que não há uma sobreposição direta entre a ética desses novos evangélicos e aquela há um século estudada pelo alemão. Sobre essa nova "ética pentecostal": "...enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja". A pesquisa admite, ainda, a existência de uma relação entre espírito empresarial e organização religiosa, sob a óptica do surgimento de novas formas de inserção produtiva no período pós-crise econômica.

11/09/2007), o jornal avisa que o "**Esquema** pode contrariar normas de concessão de emissoras, segundo Ministério". Numa retransmissão da reportagem ("Doações também em sacolas ou pela internet", de 11/09/2007), o texto ressalta a afirmação do pastor de que só serão beneficiados os fiéis que fizerem as devidas contribuições.

Novamente, a escolha dos vocábulos reafirma o *script* dos evangélicos como gananciosos e de sua igreja como um empreendimento. Aliás, nem mesmo poderíamos falar em igreja, porque a reportagem a trata por "seita". Ademais, a palavra "esquema", usada no trecho, sugere alguma espécie de trambique, e a reportagem sobre as várias formas de doação deixam claro que os tais líderes da seita usam todos os meios possíveis, dos mais cândidos aos informatizados, para praticar o tal "estelionato".

Bem que eu avisei

Como num esforço para reafirmar as suspeitas de enriquecimento audacioso e ilícito que emanam dessas – e de outras – reportagens sobre os evangélicos, aparecem pautas do tipo "Fiel reclama na Justiça de milagre frustrado" (11/09/2007) ou "PF investiga compra de TV pela Universal" (19/10/2007), nas quais o mote permanente é o de que os evangélicos são sempre "caso de polícia".

Nesta perspectiva, mais duas reportagens merecem ser exploradas. A primeira, "Fiel da Universal danifica imagem histórica da Bahia" (04/12/2007), ressalta que o "fiel" está desempregado, toma tranquilizantes e "frequenta diariamente a Igreja Universal do Reino de Deus". Colocar numa mesma sentença, como vimos, a situação instável em que se encontra a vida do personagem e o fato de ele ser um "fiel" da tal igreja contribui para que, através da *estratégia da irrelevância* (van Dijk, 1990), fiquemos propensos a formar mau juízo da totalidade dos crentes.

Idem quanto à reportagem "Universal terá que devolver bem de fiel", que adverte, na linha fina, que a "Justiça condenou a seita por receber carro sem a autorização da dona" e diz, no corpo do texto, que a "fiel" estava "...deprimida e doou todos os bens à igreja por pressão de representantes do templo que frequentava".

Em suma, o leitor que acompanha esse tipo de noticiário – e adere ao *script* nele embutido – só pode chegar à conclusão que ou os partidários dessas novas confissões

protestantes são todos uns desequilibrados – e por isso atraídos pela "seita" – ou, pior ainda, que a crença por elas propalada os desequilibra ainda mais.

Referências Bibliográficas

VAN DIJK, Teun A. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. *The Interdisciplinary Study of News as Discourse*. In: K. Bruhn-Jensen & N. Jankowski (Eds.), *Handbook of Qualitative Methods in Mass Communication Research*. (pp. 108-120). London: Routledge, 1991.

ECO, Umberto. *Conceito de Texto*. São Paulo: Edusp e T. A. Queiroz Editor, 1984. p. 97.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da Redação da Folha de S.Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2001.

FREUD, Sigmund. *El Porvenir de Una Ilusion*. In Freud, Sigmund. *Obras Completas*. Madri: Amorrortu Editores, 1978.

KENNEDY, George A. *New Testament Interpretation through Rhetorical Criticism*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1984.

MAURO, Maria Adélia Ferreira. Argumentação e discurso. In: *Retóricas de ontem e hoje*. (org. Lineide do Lago Salvador Mosca). São Paulo: Humanitas, 2001. pp. 183-200.

PARSONS, Talcott. *Introduction to The Sociology of Religion*. In: Weber, Max. *The Sociology of Religion*. Boston: Beacon Press, 1963.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986

THOMÉ, Laura Maria S. *Da ortodoxia à heresia: os valdenses (1170-1215)*. <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/2371>. Acessado em 20/04/2008.

WEBER, Max. *The Sociology of Religion*. Tradução de Ephraim Fischhoff. Boston: Beacon Press, 1963.